

O seu rosto cada dia illuminava-se de um brilho pallido, triste e sobrenatural, era já a transparencia da morte, o osculo do noivado do sepulchro que amarellecia as petalas d'aquella rosa de amores.

Ah! quanto amei-a assim!

Quanto mais ella fugia-me, mais eu a amava.

Não me fartavam seus beijos, nem seus olhares languidos pela febre. Eu sentia em seus braços o calor dessa febre que suppunha ser o fogo da vida, quando era o gelo da sepultura.

Sim, o gelo e o fogo queimam igualmente; 'num é a chamma que destróe, 'noutro é o frio que paralisa, mas sempre a morte através de ambos os sudarios!

A aurora parece-nos mais bella quando é pela ultima vez que nos sorri, o trino das aves mais suave quando é a derradeira vez que o escutamos, o perfume da flor mais fragante quando temos certeza de não mais o respirarmos; assim eu a amava tambem mais por que sentia sua existencia evaporar-se como um perfume.

Eu tinha sede dessa essencia que fugia.

Tudo o que podia fazer para lh'a salvar, alli, entre o céu e o mar, sinto que o fiz, mas... debalde, ella tinha tocado a meta de seu destino, restava a mim, como o Hebreu, marchar sobre os destroços de minha desgraça.

Uma tarde ella chamou-me e disse-me que queria despedir-se do céu e das aguas porque ia morrer.

Tomei-a em meus braços, levei-a ao convés; pediu-me que lhe mostrasse para que lado ficava sua patria e eu apontei-lhe o sol que morria, ella imbebeu os olhos no horizonte vazio, como se mandasse nesse olhar infindo toda a sua saudade, toda a sua dor, evaporou-se-lhe dos labios um adeus profundo e longo como um ai arrancado do coração e que as brisas arrebatarão

gemendo; uma lagrima, a ultima, borbulhou, pendeu dos cilios e tombou nas faces descoradas, curvei a fronte diante de tão comnovente imagem, quando a ergui ella estava morta.

Não sei dizer tudo o que senti quando toquei o seu corpo inanimado. Tudo para mim tornou-se o nevoeiro immenso de um sonho, por onde me fugia aquelle anjo como uma doce miragem.

Não sei como não morri sobre aquelle peito que já não palpitava por mim; beijei mil vezes aquelles labios desbotados, mil vezes comprimi entre meus braços aquelle corpo inerte, depois atirei-o nas ondas como um insensato e o vi boiar como um ninho de amores abandonado. O capitão e os marinheiros, todos estavam commovidos.

Cheguei a Allemanha, o paiz do idealismo como chamão; em vez de encontrar o calor de que precisava o meu peito gelado pelo contacto de um coração morto, achei geio no seu clima e nos olhos azues de suas filhas.

Corri a Italia. Oh! jamais hei de esquecer aquelle azul sem mancha dos céos de Napoles, onde nunca pousarão sequer as nuvens pesadas e cambaleantes da tormenta! Oh! as italianas! Como são lindas as filhas da patria de Tasso! As vinhas do Egandi sorvidas em taças de ouro não tem a doçura de seus labios; em cada palavra trasborda a volupia, cada globulo de sangue gira n'um delirio de goso e sensualidade. Naquelles seios perfumosos tornei-me libertino. Bebi ahi, nessa fonte até apagar nos gosos da embriaguez e a lembrança que me escaldava o cerebro.

Um dia, foi após uma noite de orgia, eu estava no mar, pareceu-me revolverem-se as entranhas do oceano e a terra gemer ao longe: era o vesúvio que escarvava a terra e mostrava ao céu sua narina fumegante.

Horas depois eu deixava a Italia, que parecia amaldiçoar-me por um braço de fogo.

Voltei a Hespanha.

Nunca os libertinos de minha terra tiveram um companheiro mais alegre.

Nos lupanares deixarão as rosas do meu coração desfolhar suas ultimas folhas.

Eu tinha uma velha mãe que chorava a minha sorte.

Uma noite eu voltava de uma orgia, vinha ebrio e cantarolava uma cantiga blasphema; a primeira pessoa que se me apresentou quando eu cheguei á casa foi essa mãe desventurada. Ella vinha, como era de costume, prostar-se á meus pés e me pedir chorando que abandonasse a devassidão e a infamia.

Com um violento impulso atirei-a contra uma pedra, onde a infeliz partiu a cabeça. Pobre mãe! ella ainda articulou algumas palavras, que eu julguei ser uma maldição eterna, quando era o perdão que eu recebia d'aquelles labios que me beijarão creança.

Atirei-me á uma cama e dormi, quando acordei, pranteiava-se aquella malfadada creatura. Suppunhão que, victima de uma apoplexia, ella cahira despedaçando a cabeça, só eu tinha a consciencia de meu crime e fugi, fugi, não temendo o castigo dos homens, mas a justiça de um Deus em que eu ainda cria. Corri, corri como um louco; quando a noite começou a desenhar-se no firmamento, eu me assentei cheio de cansaço á margem do caminho que se alongava ainda, e á cada momento, em cada sombra de nuvem que passava eu julgava ver o espectro ensanguentado de minha mãe; foi então que comprehendí o quanto era desgraçado e chorei, chorei as ultimas lagrimas que havião em meu coração, desde este instante não senti mais nem medo nem remorsos, descri de tudo até mesmo de Deus, que foi surdo, como os homens cegos á meus crimes.

Abriu-se-me o precipio da crapula e eu atirei-me á sua noite de libações infernaes. Hoje a vida está gasta,

resta-me adormecer o somno dos mortos e apodrecer nas terras do cemiterio; mas, antes disto, esvasiemos as taças, e de um só trago affogemos a lembrança dessas insensatas illusões. »

A lampada deu um ultimo arranco, bruxuleou e sumiu nas trevas o seu derradeiro raio.

### ○ impossível.

1

Eu amo a côr da neve,  
( se côr a neve tem )  
na forma do crystal,  
na candida cecem;  
porem a côr do jaspe  
encanta os olhos meus  
se languida palpita  
no arfar dos seios teus.

Eu amo a côr da noite  
no ébano da flauta,  
nos sonhos do poeta,  
nos calculos do nauta;  
mas, oh! a noite é linda  
e tem sonhos mais bellos  
em ondas de perfumes,  
no mar de teus cabellos.

Eu amo a côr da rosa  
do amor no madrigal,  
no iris cambiante  
do limpido crystal;  
mas ella tem mais vida,  
mais mimos, mais enlaces,  
nos véos do teu rubor,  
na flor das tuas faces.

Eu amo a côr azul  
na cérula mansão,  
boiando sobre os mares,  
suspensa 'namplidão;  
mas, oh! a côr azul  
me prende em traços bellos  
na fita de veludo  
que abraça os teus cabellos.

Eu amo a luz no cirio,  
no sol, na immensidade,

a luz na intelligencia,  
a luz na liberdade;  
mas'inda a quero mais  
dourando os sonhos meus,  
vertida em teus sorrisos,  
banhando os olhos teus.

II

E sabes tu a causa  
por que mais me fascina  
a côr nos teus encantos  
e a luz em ti menina?  
é que dentro do peito  
palpita o coração,  
é que arde em minh'alma  
o fogo da paixão.

E, sabes? este fogo  
é chama que devora,  
comprime-se, ella queima,  
dilata-se, labora;  
e eu, que occulto ao mundo  
esta paixão que abrasa,  
aperto contra o peito  
o fogo desta brasa.

O' dor se teu semblante  
se mostra no silicio,  
na lenha da fogueira,  
no altar do sacrificio,  
a tua pura essencia

eu sinto em mim vertida  
nest'alma que se occulta,  
na imagem desta vida.

III

Bem sei que me és sensível,  
dizem teus negros olhos,  
bem sei que teus pésinhos  
tambem calcão abrolhos,  
mas, oh! tormento acerbo!  
que mais soffro eu assim,  
vendo por mim correr  
prantos de um cherubim!

As tuas mãos de neve  
movendo o teu lencinho  
me dizem doces fallas,  
segredão-me baixinho;  
a rosa do teu seio  
fugindo ao labyrintho,  
não penses que sou surdo,  
bem ouço, diz: eu sinto.

Mas, oh! minha querida,  
ha um abysmo enorme  
que nos separa sempre,  
um olho que não dorme...  
e esta sombra immensa,  
malefica e terrível,  
sabes qual é, meu anjo?  
é tudo, é—o impossivel...

Mario.

## FOLHETIM.

### As lagrimas.

Não conheço cousa mais bella, mais  
comovente e mais eloquente do que  
sejão as lagrimas.

Nos olhos de uma creança ellas são  
ingenuas, nos de uma donzella são  
sympathicas, nos de uma mãe são  
sagradas, nos de um martyr são  
sublimes.

Nellas reflecte-se a nossa aima como  
na gotta espherica da agua o firma-  
mento, as nuvens e as estrellas.

Ellas traduzem todos os sentimentos  
do coração humano—desde o jubilo até  
a dor.

Ha algrimas através de que se vê  
o horisonte iriado das mais lindas  
cores, como se vê através do crystal,  
por um phenomeno cosmico todos os  
objectos orlados das cores do arco iris.

São estas as lagrimas da alegria.  
Ellas veem impellidas por uma satis-  
fação intima que se não traduz, mas  
que cresce em nossa alma e estrava-  
sa-se em liquidas torrentes.

Ha umas lagrimas que abrasão como  
a febre, mas que alentão como o or-  
valho.

Ellas assomão depois de uma acção  
de coragem, de generosidade, ou de  
intelligencia; depois de um lance pe-



rigoso, de um acto de beneficencia, ou de uma conquista do espirito.

Quando se faz uma esmola o coração chora.

O final de um livro é sempre lagrimas, quer elle pertença ao dominio da poesia, quer ao da mais arida sciencia.

São lagrimas que ninguem vê, nem siquer presente:

São as lagrimas de gloria.

Ha umas lagrimas mais puras do que o orvalho da manhã nas petalas de um jasmim:

São as lagrimas de uma creança.

Ellas tem algumas cousa de vaporoso como a condensação da agua, alguma cousa de perfumoso como a exhalação da flor, alguma cousa de santo com a oração do altar.

Nellas a alma se mostra em toda a sua innocencia.

Ha umas lagrimas mysteriosas e de que ninguem sabe explicar o segredo, mas o que é real, é que são muito bellas:

São as primeiras lagrimas de uma donzella.

Ellas apparecem de ordinario na solidão, depois de longos seismares, quando o sol despede-se da terra em um raio extenso de melancolia e tristeza.

Ha outras lagrimas cor-de-rosa: São as lagrimas do amor.

Essas resumem toda a felicidade do mundo e ainda mais: alguma cousa de uma outra existencia mais pura e ideal.

Ha umas lagrimas solitarias como as gottas do estalactite accumuladas nas cavidades subterraneas:

São as lagrimas da saudade.

Essas tem ao mesmo tempo a docura da reminiscencia e o amargo da realidade, participão do passado e do presente.

Ha umas lagrimas torrencias e sagradas como as aguas do baptismo.

São as lagrimas do arrependimento.

Essas salvarão Magdalena e Deus prometteu de quem as chorar go-

sar eternamente de sua presença.

Ha lagrimas infernaes que afogueião os olhos e sulcãõ as faces.

Essas lagrimas, que tem alguma cousa do eruptivo e exterminador como as exhalações ardentes de um vulcão, são as lagrimas da vingança.

Ellas abrem á alma um abysmo e lhe mostrão nelle uma eternidade de soffrimentos e de horrores.

Ha umas lagrimas sublimes e cuja docura cousa alguma pode igualar:

São as lagrimas de uma mãe.

Oh! feliz o que teve-as um dia e as soube guardar, como preciosas perolas, no fundo do coração, porque mais tarde, quando nos desertos immensos da vida os labios estalão de sede, cada um d'esses preciosos aljofares é um dia de coragem, de vida e de ventura.

Ha outras lagrimas que como gottas solidas de duro granizo matao a flor dos mais bellos annos:

São as lagrimas do martyrio.

Cada uma dellas depois sobe os espaços e vae juntar-se aos mundos luminosos que multiplicaõ-se no infinito.

E como tudo neste mundo soffre a lei da mistificaçãõ, ha umas lagrimas piedosas, compridas e turvas que são como o visgo: servem para atrahir as victimas do crime ou da especulaçãõ:

São as lagrimas hypocritas do fingimento.—São ás lagrimas de «crocodilo.»

E sem ellas não teriaõ as lagrimas completado sua missãõ no mundo como espelho reflector dos sentimentos variados do coração do homem.

Parahyba—Janeiro de 80.

Mario.

A «IBELIA» Assigna-se esse periodico, assim como trata-se de qualquer negocio a elle concernente na livraria do Sr. Manoel E. Pompeo d'Oliveira. —Rua Conde d'Eu n. 56.

**Condições de assignaturas.**

Para capital e interior da provincia		Para fora da provincia.	
Por 1 anno . . . . .	5\$000	Por 1 anno . . . . .	6\$000
« 6 mezes . . . . .	3\$000	« 6 mezes . . . . .	4\$000
« 3 mezes . . . . .	2\$000	« 3 mezes . . . . .	3\$000

**Grande sortimento de fazendas baratas.** Enorme redução nos preços, no intuito de fornecer as classes menos abastadas.

Especialidade em capéus, calçado, roupas e machinas de côsturas.

Dão-se amostras dos tecidos, e promette-se toda condescendencia, a par de sincêridade e agrado.—A' rua Conde d'Eu n. 50. SILVA FERREIRA & COMP.

**Fabrica Popular de Ferreira & Comp<sup>a</sup>, Rua Conde d'Eu n. 43**

Neste acreditado estabelecimento vende-se, alem de charutos e cigarros das melhores e mais conhecidas marcas, fumos de diversas qualidades e a corda, em chicotes e desfiados, a grosso e a retalho. Vende-se mais, em completo e variado sortimento, papel para cigarros, bolças, cachimbos, phosphoros, ponteiras e etc.

**Pharmacia Central de J.F. de Moura Rua, Conde d'Eu n. 45.**

Neste estabelecimento avia-se receitas a qualquer hora do dia ou da noute.

Vende-se os mais novos productos chimicos e pharmaceuticos, do paiz e do estrangeiro. Sortimento variado de tintas, pinceis, e vernizes. Vende-se remedios homeopathicos.

**Fabrica Santa Cruz de Barros & C<sup>a</sup>, Rua Visconde de Inhauma**

Nesta nova fabrica de cigarros, encontra-se da melhor qualidade completo sortimento de fumos charutos, cigarros e todos os artigos indispensaveis aos fumantes.

**Livraria Economica, de Manoel E. Pompeo de Oliveira.**

Encontra-se n'esta casa os mais modernos livros de direito, litteratura, romances, poesias, medecina, ensino primario e secundario. Completo sortimento de papeis tintas, pennas, canetas e mais objectos de escriptorio. Preços baratos. Faz encadernações e encarrga-se de encomendas de livros, jornaes das provincias e do estrangeiro. Recebe assignaturas de diversos jornaes e outras publicações em fasciculos como seião: «Moda Illustrada», «Novo Mundo», «Arte», «Revista Industrial», «Dous Mundos», «Revista Brasileira», «Diccionario de Geographia», «Historia Universal». Recebe encomendas de carimbos de barracha. Vende-se folhinhas para 1880.

**Parahyba do Norte.**